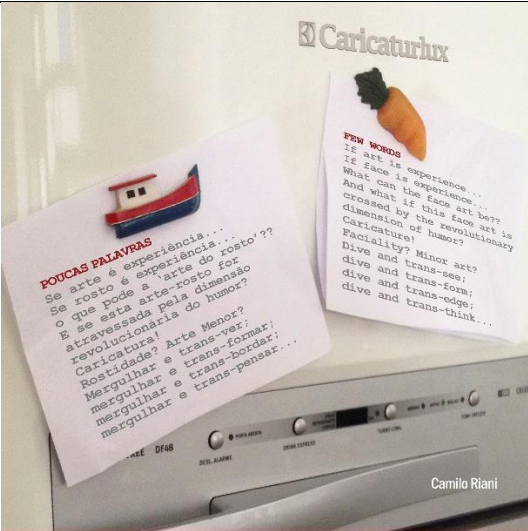


1º. COLÓQUIO FRANCO-BRASILEIRO DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: DIFERENÇA E DIVERSIDADE OU COMO ESCAPAR DO INCONFORMISMO?

04 A 06 DE SETEMBRO DE 2017 - FACULDADE DE EDUCAÇÃO – UNICAMP

04.set.2017 – segunda-feira

SESSÃO 1 SALA LL01	Coordenador – Camilo Floriano Riani Costa	
Horário	Autor	Trabalho
14h00	Camilo Floriano Riani Costa	 <p>Caricatas: aventuras e experiências de uma Arte-Tese</p>
14h20	Claudia Seneme Canto	<p>“A Imagem Pensamento – O potencial educatimo do Filme-Ensaio no Grupo Kino Olho”</p> <p>A seguinte pesquisa aborda o processo de construção de filmes-ensaio pelo Grupo de Pesquisa e Prática Cinematográfica Kino-Olho, de Rio Claro, interior de São Paulo que tem como objetivo ensinar cinema a jovens e adultos criando um espaço de aprendizado diferenciado capaz de trazer novas formas de pensar a educação e a educação e o cinema. Conforme explica MACHADO (2003), a produção de um filme-ensaio não tem como objetivo final atingir uma perfeição artística, mas sim o processo de produção; como se estes fossem rascunhos de uma obra, visando o pensamento e a construção por trás do filme. Assim, a pesquisa traz uma reflexão sobre os modos de afetação e de criação que possibilitam estas imagens e como elas escapam às modulações já existentes. A pesquisa se propõe a lidar com a incerteza e com o estar fora dos lugares fixos e estabelecidos, aberta para mostrar quais pensamentos e que modos de produção de pensamentos as imagens do Grupo Kino-Olho criam, possibilitam, produzem e qual experiência é possível aos integrantes do Kino-Olho por esta produção.</p>

14h40	César Donizetti Pereira Leite Mariana de Barros Barbosa Vinícius Marques Silva	<p style="text-align: center;">“Pesquisa Imagética com Crianças e Professores”</p> <p>O Grupo de Pesquisa “I-mago: Laboratório da imagem, Experiência e Cri[et]ção” tem desenvolvido uma série de trabalhos e estudos voltados ao cinema, a educação e a produção de imagens com crianças e professoras. Essas pesquisas são realizadas juntamente com produção de imagens por crianças e professores de Educação Infantil Esses estudos possuem como objetivo refletir acerca de possibilidades que estas produções imagéticas, nos oferecem para pensar sobre processos de desenvolvimento infantil e práticas educativas dos professores. Dentro deste contexto, as imagens produzidas pelas crianças abrem uma perspectiva de olhar o corpo, de olhar com o corpo, corpos retorcidos para focar, para desfocar, corpos aproximados para ver os detalhes, detalhes que produzem sentidos, detalhes nunca vistos, nunca percebidos, detalhes de botões de camisas, de sujeira no nariz, de baba, detalhes de olhares rápidos. Parece que educar o olhar, para ver e trabalhar com as imagens, não é oferecer técnicas, conhecimentos, teorias e sentidos, parece que educar o olhar é lançar o corpo em uma aventura, o olhar não é um privilégio do olho, mas é produto de um corpo que experimenta com as “imagenscâmeras” em “câmerasimagens”, é uma experiência de exterioridade. Em nossa cultura de um modo geral e na educação em particular, nossas relações com o tempo têm sido predominantemente, marcadas por uma determinada noção deste e que por sua vez produz nossos modos de pensar, nossas relações com o outro, com nós mesmos, acaba por criar modos de ser, sentidos para a existência, na educação povoa nossos currículos, nossas práticas educativas, nossas opções, enfim, o tempo e sua noção criam espaços determinantes de nossas experiências. Neste contexto, os estudos realizados têm nos apresentado que pesquisar com crianças é um convite à abertura, ao deslocamento de lugares e tempos.</p>
15h00	Todos	Discussão – até 30 min.

SESSÃO 2 SALA LL02	Coordenador - André Campos de Camargo	
Horário	Autor	Trabalho
14h00	André Campos de Camargo	<p style="text-align: center;">“Apontamentos Inquietantes para uma Micropolítica da Maquinaria Escolar”</p> <p>Pretende-se problematizar, neste texto, alguns aspectos micropolíticos da instituição escolar por meio dos referenciais teóricos provenientes da filosofia de Félix Guattari. Para tanto, lançaremos mão de quatro apontamentos inquietantes: 1º) a instituição escolar como um equipamento de iniciação ao sistema de representação e aos valores do Capital; 2º) a escola, por decorrência de seus agenciamentos maquínicos, está substituindo a produção de subjetividade de disciplinamento social por uma subjetividade de controle e produção; 3º) a importância da produção desejante para os processos de subjetivação social e escolar; 4º) a escola presta-se ao papel de reproduzir uma forma institucional de formação de grupos-sujeitados e não sujeitos em função desta mesma sociedade. Ao cabo, contamos retomar tais apontamentos para avançarmos na direção de algumas consequências caso a escola permitisse e fomentasse experiências produtoras de grupos-sujeitos. Assim, passaremos a perscrutar algumas possibilidades de uma reapropriação ética-estética dos mecanismos produtores de subjetividade, com o objetivo de produzirmos grupos sujeitos e não sujeitos no interior da instituição escolar. Esperamos que esses apontamentos possam contribuir para o campo de estudos que fazem da filosofia da diferença um importante instrumento para se pensar a educação.</p>
14h20	Raphael Guazzelli Valério	<p style="text-align: center;">“Máquina Antropológica e Formação Humana”</p> <p>O texto pretende explorar a noção de Máquina Antropológica do filósofo italiano Giorgio Agamben e seus desdobramentos para o campo da formação humana. O que possibilita a formação humana, em seu projeto Ocidental vale ressaltar, é, antes de mais nada, a distinção entre natureza e cultura. Essa oposição é um artifício para o reconhecimento do humano, de modo que esta dicotomia nos leva até uma outra: a distinção entre o animal e o humano. Na cultura Ocidental, o humano, tal qual o concebemos, tem sido muito mais que formado, produzido pelos dispositivos antropogênicos. Entre eles o mais importante, sem dúvida, é a política. A política é a arte de produzir e formar o humano por excelência. Neste processo ela produz a distinção animal/homem, de modo que a humanidade do vivente homem é, em verdade, sempre trânsito, isto é, o humano é um artifício da política.</p>

<p>14h40</p>	<p>Felipe Luiz Gomes Figueira</p> <p>Rogério Luís da Rocha Seixas</p>	<p align="center">“Inclusão e Incapacidade, Homo Oeconomicus e Governamentalidade”</p> <p>O presente artigo busca analisar o problema da inclusão a partir da crítica à separação entre razão e existência sob a égide da crítica ao espírito mercadológico que pode até gostar da diferença, mas enquanto possibilidade de uma nova clientela. Nesse cenário veremos inclusão e incapacidade, <i>homo oeconomicus</i> e governamentalidade se relacionarem de forma demasiado complexa. Diante disso, poderemos problematizar: não seria um erro o controle por parte da técnica (leia-se: intervenção e imposição) em relação à vida, na medida em que só se visa o “acerto”? Não seria, conseqüentemente, uma postura eugênica, fascista? A inclusão precisa ser problematizada, tanto como uma estratégia de governo, na condição de um “imperativo de Estado”, impondo-se de modo imperativo a todos, promovendo ações pontuais capazes de modificar os indivíduos, quanto à promoção de uma maior economia entre a mobilização dos poderes e a condução das condutas. Problematizar a inclusão significa criticar as aparências e as suas armadilhas, quando se trata da governamentalidade e do biopoder. Fazer esta crítica sobre as práticas e as políticas que promovem a inclusão, implica entre outras conseqüências, ir contra a corrente dominante que “naturaliza” as verdades estabelecidas e consideradas como “verdades inquestionáveis”. O que quer aquele que procura manter a hierarquização? Furtar-se a este tipo de questão se torna uma atitude antifilosófica: os maiores problemas que nós temos são os valores pré-estabelecidos e as experiências muitas vezes não <i>criam</i> valores. Ao fim deste percurso objetiva-se visualizar uma nova imagem de inclusão.</p>
<p>15h00</p>	<p>Daniel Salésio Vandresen</p>	<p align="center">“A Educação Tecnológica e a Produção de Si na Biopolítica”</p> <p>O objetivo dessa comunicação é realizar um diagnóstico da educação tecnológica utilizando como ferramenta a noção de biopolítica. Através desse diagnóstico analisa-se a normalização da vida moderna e o empobrecimento da experiência moderna, que são produzidos principalmente por uma subjetividade que está condicionada a produção econômica. A partir disso, problematizamos a educação tecnológica dos Institutos Federais, analisando alguns documentos e autores que defendem um modelo de ensino alicerçado na noção de trabalho como princípio educativo. Tendo como questões norteadoras: que subjetividade está sendo formada no atual modelo de ensino proposto pela a educação tecnológica dos Institutos Federais? Estaria esse ensino também atrelado a uma formação profissional que se limita apenas a integração ao sistema econômico, direcionando e fixando a formação humana ao modelo neoliberal de governar o indivíduo como sujeito produtivo? A partir da noção de biopolítica de Foucault, constata-se a formação de um sujeito para adequar-se ao capital econômico e, assim como o <i>homo oeconomicus</i>, não questiona e, sim, aceita a realidade como ela é, modificando-se a si mesmo para adaptar-se e responder de forma ordenada e conformada. Assim, constata-se que a educação tecnológica não tem pensado a vida para além da formação profissional ou, melhor, tem se preocupado apenas com a parte da vida que é determinada pela sua condição cotidiana da utilidade e do trabalho.</p>
<p>15h20</p>	<p>Todos</p>	<p align="center">Discussão – até 30 min.</p>

<p>SESSÃO 3 SALA DA CONGREG.</p>	<p align="center">Coordenador - Rafael Christofolletti</p>	
<p>Horário</p>	<p>Autor</p>	<p align="center">Trabalho</p>
<p>14h00</p>	<p>Amarildo Inácio dos Santos</p> <p>Mirele Corrêa Gicele Maria Cervi</p>	<p align="center">“Memórias reminiscentes de um docente na escola: normalização e representação e conformismo e estratégias de fuga”</p> <p>Este trabalho relaciona-se à pesquisa de mestrado do autor e fomenta reflexões acerca do conformismo dialogando com práticas no cotidiano escolar. Para tanto, são mobilizadas algumas memórias docentes do autor que versam sobre estudantes, cujos comportamentos destoam das prescrições heteronormativas. No terceiro ano do Ensino Médio, uma estudante lésbica permanece calada. Não interage com ninguém. Entra, senta-se, assiste à aula, faz o que é solicitado e vai embora, ainda em silêncio. Essa e outras memórias são analisadas e propulsionam a reflexão. Para munir a análise das memórias são convocados autores que discutem escola, diferença, corpo, representação, identidade, disciplinamento, tolerância, violência e preconceito. Conclui-se que ao discurso da diversidade subjaz um plano comum que codifica comportamentos sociais atribuindo-lhes significados, que são avalizados ou desprezados socialmente, produzindo efeitos sobre os corpos. Corpos, condutas e discursos são capturados, conformados e confinados em lugares limítrofes que adquirem forma a partir de uma cultura de tolerância que opera na produção</p>

		de um conformismo. O discurso da diversidade é uma armadilha identitária, pois ao significar as diferentes expressões de gênero, raça, etc., elas são marcadas e passam a carregar o peso da significação social, a elas atribuído. O resultado é o silenciamento, o conformismo. A diferença é tolerada, contanto que não ultrapasse as fronteiras dos discursos de verdade difundidos na sociedade. Contanto que corresponda às significações atribuídas a elas, que as capturam e despotencializam. O discurso da diversidade captura, codifica e neutraliza as diferenças. Contudo, a despeito do caráter produtivo das estratégias de captura, há linhas que ultrapassam este limite, borram as fronteiras, constituem-se em linhas de fuga. Talvez uma possibilidade seja o professor, a partir dessas resistências ao conformismo, abrir espaços dentro da norma para que surja o outro em sua singularidade trabalhando uma ética a propósito de nossas existências.
14h20	Beatriz Saboia	<p>“A Educação para Emancipação. A Teoria Crítica de Frankfurt e a construção de um pensamento da diferença”</p> <p>O pretendido como texto provocativo para a discussão é identificar a Avaliação Escolar numa perspectiva teórico-filosófica a partir da Escola de Frankfurt, como um possível, entre outros, operadores que refletem sobre o conformismo concernente à escola numa direção de defesa por uma educação para a diferença; para a emancipação. Proponho trazer elementos teórico-práticos oriundos da elaboração de um prefácio de livro (Educação, Emancipação e Barbárie: uma abordagem filosófica - 2016. MELÔNIO), os quais identifico como proporcionadores da diferença e colaborar na reflexão proposta. Sobre a produção do “comum” ou da “identidade” surge o perigo de uma identificação demasiada forte ou mesmo uma submissão dos indivíduos às normas, a qual pode trazer o risco do princípio de uma educação para a emancipação se dissolver em favor de uma educação para o conformismo. A obra em questão refletindo sobre os fundamentos e os impactos do ensino jurídico nos país se torna diferente em relação aos textos existentes no mercado. O autor investiga as determinações objetivas do processo avaliativo em nosso tempo, identificando as condições concretas do real, no aprofundamento das relações entre Capitalismo e Avaliação. Importante dizer aos participantes deste colóquio que considero o contexto atual bastante sombrio no sentido do conformismo na educação. Contudo, não somos profissionais para lidar com o posto e o estabelecido. Como Kant afirmou no período do iluminismo é preciso SAPERE AUDE. Saber ousar... e nunca abandonar a paciência do conceito. Filosofar é preciso! E há muito já aprendemos pela história da filosofia, que somente o filosofar crítico pode criar o novo capaz de sair das amarras do conformismo que degola e arranca a possibilidade de elevação do ser social à sua dimensão superior de gênero humano.</p>
14h40	Rafael Christofolletti	<p>“Medicalização, Educação e Conformismo”</p> <p>Tido comumente como um processo que torna questões sociais, políticas e culturais em questões médicas (individuais), a medicalização na Educação atinge diretamente a problemática da aprendizagem e do comportamento infantil. Assim crianças que não aprendem e/ou não se comportam como deveriam estão sendo cada vez mais diagnosticadas, rotuladas e medicadas. Problemas educacionais tem sido reduzidos a uma suposta patologia do indivíduo. Dificuldades escolares são frequentemente tratadas como distúrbios e transtornos por médicos, psicólogos, professores, pais... Hoje em dia qualquer pessoa se vê capaz de fazer um diagnóstico. Sites e blogs de associações e institutos (muitos financiados pela indústria farmacêutica) “ensinam” rapidamente como fazê-lo. Com uma pequena lista de sintomas pode-se, facilmente, agrupá-los com sua respectiva etiqueta. Colocar a criança como o problema tem sido a tônica. Ao invés de se pautar questões educacionais e os seus desafios na atualidade diagnostica-se e culpabiliza-se a criança. Diagnóstico que acaba por produzir um círculo vicioso tranquilizador – e porque não conformista - de famílias, profissionais de educação e da saúde: “ela não aprende (ou não se comporta) porque ela tem problema; ela tem problema porque não aprende (ou não se comporta)”. Como quebrar esse círculo conformista e tranquilizador tão presente nas práticas psi e da educação no contexto de uma sociedade medicalizada? Pretende-se problematizar essa questão a partir de relato acerca de pesquisa realizada em escolas públicas do interior de Santa Catarina e de discussões trazidas por Michel Foucault sobre a analítica do poder.</p>
15h00	Todos	Discussão – até 30 min.

SESSÃO 4 SALA LAE	Coordenadora - Carla Patrícia Silva	
Horário	Autor	Trabalho – Resumo
14h00	Adriana Maimone Aguillar	<p align="center">“Dançando com Zaratustra”</p> <p>Encontros. Zaratustra conversa, observa, sente, percebe, pensa. Quando ele fala com as “bailadeiras” é poético, sedutor, malicioso. Ele conversa com mulheres, a vida e a sabedoria são mulheres. A lua é uma mulher, ressoam em mim. É uma pessoa em busca de si? Em busca da superação de si. Fala da morte, da mulher, do homem, do filho, do matrimônio, ele tem as suas verdades e as pessoas com quem ele conversa possuem outras verdades, os animais, as coisas, os sentimentos, a vida, cada um tem suas verdades, mas estas são questionadas por ele mesmo e estão sempre em mutação, no decorrer dos pensamentos, das palavras, estas vão se mudando de lugar, de combinação. Da escuta, da solidão. É a favor dele mesmo, se defende, é contra o supérfluo e a favor da profundidade. Fala que o homem é profundo e a mulher superfície. Ele escreve a vida. Ao ler, é como se estivéssemos conversando com ele. Ele quer transmitir pensamentos que ainda hoje são chocantes. Diferentes. Ao ler, muita coisa entra em mim, me banha de sentido, ressonância? Concordo algumas vezes, vivo coisas parecidas, sinto coisas parecidas, outras vezes tenho um sentimento de desprezo, não me interessa, discordo. O encontro entre Adriana e Zaratustra. Ele passa por diversos estados, altos, baixos, alegrias, tristezas, paixão, raiva... Nos momentos de alegria ele escreve alegremente e transmite alegria. Nos momentos de raiva ele escreve raivosamente e me dá raiva, exatamente por esta raiva atingir o que em mim me dá raiva. É uma escrita envolvente, te leva para o mar, para as montanhas, para a escuridão, para a solidão, para o baile, e você se sente lá, você está lá com ele. Eu o acompanhei em suas andanças. As intensidades nos atravessam.</p>
14h20	Carla Patrícia Silva Anadelhi Figueiredo Santos	<p align="center">“A Infância da Filosofia: um pedaço de fatalidade”</p> <p>Será que os “mais sábios de todos os tempos” não seriam <i>décadents</i>? Pergunta a infância nietzschiana na obra <i>Crepúsculo dos Ídolos ou Como se filosofa com o martelo (1888)</i>. Com a obra que faz os ídolos falarem a golpes de martelo e levá-los a dizer o que queriam ocultar, <i>A infância da filosofia: um pedaço de fatalidade</i> é uma tentativa de filosofar em um exercício de crítica radical à medida que lança a dúvida sobre a filosofia que se consolidou como verdade. Com esta marca, este trabalho é o nosso fio de Ariadne no enigma que envolve esta pergunta. Com ele, consideramos que o termo <i>fatalidade</i> na infância da filosofia nietzschiana é uma esfinge que a qualifica como extemporânea, o que fez com que o filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) questionasse a influência da “razão” na história da filosofia ao apontar Sócrates e Platão como os “sábios” que negaram a vida ao concebê-la como dualidade. A oposição deste alemão diante do valor metafísico, é uma tentativa em criar uma filosofia da diferença à medida que coloca a vida como condição de avaliação dos valores e não o contrário. Desse modo, sua filosofia não se funda nas mesmas bases sustentadas pelos “sábios” que representam a dualidade entre vida e pensamento. Assim, para mostrar em quais bases a filosofia como fatalidade se funda neste trabalho, consideramos que quando se trata de pensar em filosofia é fundamental questionar o que sempre esteve dado em sua história como verdadeiro, eterno e imutável. Em consequência disso, a infância da filosofia é, no pensamento de Nietzsche (2014), um pedaço de fatalidade porque não coloca como princípio para o pensamento o valor verdade, mas coloca em questão o que fundamenta a sabedoria na filosofia. Neste contexto, a filosofia do martelo não se configura como a resolução do contraste, mas como uma fatalidade que confere à si mesma uma dinâmica que lhe é própria. Assim, este texto se ocupa de pensar em <i>perspectiva</i> que, segundo a infância da filosofia nietzschiana, é a condição básica de toda a vida.</p>
14h40	Carolina Votto	<p align="center">“Formação e Vida: como enfrentar o canto das sereias?”</p> <p>O ensaio intitulado Formação e Vida: como enfrentar o canto das sereias? Tem como escopo refletir sobre o processo formativo moderno, e sua relação com os conceitos abordados pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche na Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida de 1874. Análise está presente em sua segunda consideração intempestiva, bem como, a relação com o conceito de transfiguração e a possibilidade de uma educação que se volte para o horizonte da vida a partir de uma perspectiva ético-estética, levando em consideração um pensamento artista em detrimento de uma formação cientificista. Pensar o processo de formação como a ponte que conduz o ser humano a preparar-se para a vida e também ter a possibilidade de transfigurar uma cultura, permite que se pense como este ofício das aprendizagens está sendo conduzido. Qual o tipo de formação ou preparação para a vida que se está exercendo? Uma cultura que visa aos saberes técnicos, superpotencializando</p>

		a ciência ou uma voltada para a arte do viver e sua construção ético-estética? Tanto Foucault como Nietzsche foram críticos assaz do processo cultural moderno posto que compreendiam a necessidade de se pensar a formação da mesma, diagnosticar a sua decadência e ir ao encontro das formas que possibilitam a existência enquanto obra de arte. Refletir o <i>ofício das aprendizagens</i> de ver, pensar, falar e escrever enquanto gestos que direcionam a imanência da vida ou do valor da existência pressupõem que se reflita qual o lugar historicamente ocupado pela formação humana. Identificando assim, as matizes que constituíram; e ainda reverberam no ideal científico que compôs o sujeito moderno desde Descartes ou até mesmo a concepção de uma "imagem de pensamento" distanciada dos afetos e da vida que acaba por trazer, enquanto legado, uma "formação psicofísica".
15h00	Todos	Discussão – até 30 min.

05.set.2017 – terça-feira

SESSÃO 5 DEFESA 2	Coordenador - Silvío Ricardo Munari Machado	
Horário	Autor	Trabalho
14h00	Diogo José Bezerra dos Santos	<p>"O Cinema como vetor de desterritorialização em favor de uma Educação Emancipadora"</p> <p>No cinema brasileiro, há um grande número de produções que são utilizadas em sala de aula, entretanto, apesar de consumirmos esses bens culturais, nem sempre investigamos quais os tipos de saberes são possíveis de serem constituídos a partir dessa linguagem que expressa, encena, documenta, caracteriza, apresenta elementos do real, sempre numa construção sistematizada, pensada, selecionada e editada para estar na tela. Neste movimento de produção e reprodução realizado pela cultura, somos ensinados por ela, adquirimos saberes, experimentamos o antigo e o novo por meio de imagens e narrativas que algumas vezes nos proporcionam a crítica sobre esta cultura e, muitas vezes, nos conformam, perpetuando clichês e estereótipos. Esta comunicação é um dos desdobramentos da pesquisa <i>Ser-tão Minas: Uma Cartografia Cinematográfica do Ser-tão Mineiro</i>, realizada em conjunto com a professora Dra. Giovana Scareli e tem como objetivo problematizar a utilização de filmes em sala de aula. Fazer pensar, obrigar a pensar, coagir a pensar é uma função que o cinema pode desempenhar em favor de uma educação emancipadora. A promulgação da Lei nº 13.006 de 2014, que tornou obrigatória a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de ensino básico por, no mínimo, duas horas mensais, bem como a escassez de críticas ao cinema como um recurso manipulador e normatizador de condutas, tornam oportuna esta conversa. Acreditamos que o cinema na escola deve buscar a contramão do adestrar, do conformar indivíduos e de normatizar condutas. Ele deve ser utilizado como um vetor de resistência, como um agente que conduzirá o aluno a um choque no pensamento, e que estimulará a criação do novo. Neste sentido, discutiremos a utilização de filmes em sala de aula como estímulo, e não bloqueio, do pensamento.</p>
14h20	Silvío Ricardo Munari Machado Vitor Janei Neto	<p>"A Crise da Pedagogia Messiânica: a devoração da Pedagogia a partir de Oswald de Andrade"</p> <p>No presente trabalho tomamos o texto de Oswald de Andrade, A crise da filosofia messiânica, como ponto de partida para pensar uma contribuição para o "1º Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação". Dizer que o texto de Oswald é um ponto de partida equivale a dizer que não se trata de analisá-lo ou de apresentá-lo exaustivamente, mas sim de toma-lo como um impulso, de surfar nessa onda, fazendo deslocamentos para pensar A crise da <i>pedagogia</i> messiânica. Com isto queremos problematizar propostas salvacionistas para a escola, que colocam em um outro lugar, em um outro tempo, com pessoas não realmente existentes uma escola melhorada. Entretanto, buscamos pensar que não há porto seguro, que não há um Éden onde encontrar o melhor caminho. Apostamos que não há porto seguro - apenas mar revolto. Devoramos aqui algumas referências de Oswald em relação à figura do bárbaro tecnizado e assim pensamos que não se trata de um retorno a um primitivo natural – algo que seria melhor por ser original – ou de avançar rumo a um civilizado técnico – algo que seria a superação definitiva do atraso em prol de um futuro glorioso. Nem o retorno ao primitivo natural, nem o avanço ao civilizado técnico: mas a produção do primitivo ou do bárbaro</p>

		tecnizado. Para tanto, habitamos esse espaço entre crises: crise da filosofia messiânica e crise da pedagogia messiânica. Espaço pleno de movimento onde se pode arriscar a pensar junto de uma filosofia da devoração e, em novo deslocamento, pensar a própria devoração como pedagogia.
14h40	Marcelo Martins Rezende	<p style="text-align: center;">“Adorno e Horkeimer: reflexões acerca do preconceito”</p> <p>O presente texto tem forte vinculação com os estudos empreendidos em nível de mestrado que resultou na dissertação cujo título é <i>A homofobia para além das aparências</i> e no livro com o mesmo título. Nessa pesquisa foi possível compreender alguns elementos históricos e culturais constitutivos da homofobia. Bastaria um olhar menos atendo à realidade para pensarmos que as discussões em relação às diferenças e diversidades seriam assuntos ultrapassados, uma vez que se supõe que em uma sociedade esclarecida não tenha mais espaços para manifestações de preconceitos. Com o intuito de ampliar os estudos acerca do preconceito sexual, os limites e as possibilidades para seu enfrentamento é que se apresenta o presente trabalho. Para isso, utilizarei como referencial teórico os estudos dos filósofos da Teoria Crítica, principalmente Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. Esses autores ao estudarem a questão do fascismo apontaram os elementos psicossociais que contribuem ou não para a constituição do sujeito preconceituoso e que, a meu ver, é um importante instrumento para ampliação de um repertório teórico que subsidia a reflexão acerca do preconceito. Essas reflexões podem indicar caminhos para sua superação. A partir dos estudos frankfurtianos apresento neste trabalho como a racionalidade instrumental desenvolvida pela sociedade capitalista, marcada pela ausência de reflexão contribuiu para a potencialização do preconceito. Em seguida, procuro analisar como essa potencialização encontra predisposição em alguns sujeitos. Para isso, retomo a introdução da obra <i>A personalidade autoritária</i> e os <i>Elementos do anti-semitismo</i> para compreender essa disposição. Essas análises possibilitaram apreender os limites e possibilidades para o enfrentamento e superação do preconceito.</p>
15h00	Todos	Discussão – até 30 min.

SESSÃO 6 SALA ED 15	Coordenadora - Mirele Corrêa	
Horário	Autor	Trabalho
14h00	Anadelhi Figueiredo Santos Carla Patrícia Silva	<p style="text-align: center;">“Produção do Conhecimento em tempos de produtividade: ensaio sobre uma escrita acadêmica (im)possível”</p> <p>Estamos em tempos em que se tem germinado pensamentos acerca da produção do conhecimento acadêmico apostando em outros vieses ou outras direções para pesquisar e escrever em educação, apesar de a academia carregar historicamente, mazelas estruturadas pelo produtivismo. Apostando sobre esse novo momento (talvez não tão novo cronologicamente), de outras direções, que apresentamos este trabalho teórico, fruto da disciplina de Produção do Conhecimento em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do estado do Rio de Janeiro – ProPEd/UERJ. A partir de provocações debatidas em aula o presente trabalho traz para a cena questões que permeiam os espaços da universidade, a saber, o tempo, a pesquisa, a educação e a produção do conhecimento chamado acadêmico. O texto começa com perguntas que nos convidam a pensar sobre o que temos <i>produzido</i> na academia e sob que intencionalidades. <i>Para que escrevemos hoje no mundo acadêmico? Para que abrimos e dispomos a escrita para outros?</i> Nossa pesquisa tem se relacionado com a vida, com a nossa vida? Essas perguntas (e outras mais que surgirão no decorrer desta escrita), que cremos potentes, nos fazem pensar, acerca do cuidado de si, atento e ético, e em que medida temos caído nas armadilhas perversas do produtivismo e da competitividade que nos tornam sujeitos individualistas e (com)formados com uma certa ordenação vigente no meio acadêmico, e se temos de alguma maneira burlado esses esquemas e inventado saídas ou formas outras de vivenciar a academia e fazer pesquisa. Em outras palavras: temos escapado do conformismo que tem assolado a educação?</p>

<p>14h20</p>	<p>Davi Pantuzza Marques</p>	<p align="center">“O que pode o Kundalini Yoga como uma ‘prática de si’?”</p> <p>Diante do curso atual do mundo, a educação e a nossa relação com o conhecimento – de nós mesmos, do outro e do mundo – estão mudando. Sob a falência do projeto da modernidade e do paradigma da racionalidade científica como possíveis garantidores do “acesso” à verdade, de uma vida melhor e mais interessante, temos encontrado nas práticas orientais milenares, especificamente do Kundalini Yoga, poderosas ferramentas, como “práticas de si”, que podem auxiliar a reorientar, e mais, inventar novos rumos para a nossa relação com o conhecimento. Mais especificamente, essas práticas são guias, ou antes, armas para desarticular em nós as certezas e as fixações da nossa identidade finita e das nossas predisposições. As saídas intelectuais estão se esgotando. As concepções de conhecimento dissociado da existência e da razão estão se desfazendo e se reconstruindo. Será que não seria urgente pensar os temas da diferença, da diversidade e do inconformismo sob novas bases existenciais? <i>Como desinvestir das forças que capturam nossa subjetividade e como investir em práticas e experiências ou experimentações que alimentem em nós nossa potência de vida e que nos remete às causas do nosso rebaixamento existencial?</i> A proposta desta breve reflexão é nos reconectar com uma concepção filosófica não dualista da realidade que busque a integração e a continuidade, cada vez mais necessária, no sentido de uma consistência, entre corpo e mente para que possamos acessar melhor nossa natureza. Através do conceito de cuidado de si, recuperado por Michel Foucault em <i>A Hermenêutica do Sujeito</i> articulado com a noção de <i>recusa do que nos tornamos</i>, tentaremos provocar em nós mesmos, de modo não apenas intelectual, mas prático e experimental, as forças internas que nos mobilizam como seres de infinita potência. De alguma maneira, será um convite, mesmo que brevemente, para colocarmos a nós mesmos à prova.</p>
<p>14h40</p>	<p>Mirele Corrêa Amarildo Inácio dos Santos Giceli Maria Cervi</p>	<p align="center">“Escola e Corpos e Mapas: problematizações acerca das potencialidades do corpo em espaço de escolarização”</p> <p>O corpo exprime a linguagem dos afetos. Os afetos modificam e constituem os corpos, aumentando ou diminuindo sua potência de ser, agir e pensar conforme esse movimento de afecções. As potências do corpo se manifestam nos encontros, onde a escola, por primazia é um espaço determinante. É na escola que acontecimentos são agenciados produzindo múltiplas afecções conforme os dispositivos de poder-saber que operam sobre ela (por meio das políticas de currículo) e que atuam sobre os corpos (por meio das práticas escolares). Ante o exposto, a pesquisa busca encontrar algumas saídas/possibilidades à questão “quais as potencialidades do corpo em espaço de escolarização?”, e para isto faz uma cartografia. Enquanto uma reversão metodológica, a cartografia consiste numa experimentação do pensamento, que se desenvolve no acompanhamento de processos inventivos, no contato direto com pessoas em seu território existencial. O território: uma escola pública estadual do município de Blumenau-SC. Os sujeitos: nove estudantes do terceiro ano do Ensino Médio Inovador. As ferramentas: oficinas cinematográficas e diário de campo. O objetivo: problematizar as potencialidades do corpo em espaço de escolarização. Deleuze & Guattari, Ball, Espinosa, Gallo, Lopes, Passetti, Rolnik, entre outros, compuseram o traçado da cartografia. Entre muitos corpos mapeados, este trabalho destaca e discute os corpos-performáticos e (in)conformados. Corpos produzidos de acordo com as exigências dessa sociedade neoliberal, tendo em vista que a escola – dispositivo por excelência de captura – opera na despotencialização do corpo, na inibição das resistências, na captura do desejo. Por meio das políticas de currículo produz efeitos de controle e regulação sobre os corpos, dissipando as singularidades dentro de uma cultura homogênea de performatividade. O corpo, ainda que pouco, busca uma possibilidade de viver com prudência, retirando das estratificações aquilo que dá potência para fluir, fugir e criar outras coisas.</p>
<p>15h00</p>	<p>Todos</p>	<p align="center">Discussão – até 30 min.</p>

SESSÃO 7 SALA ED 16	Coordenadora – Denise Silva Vilela	
Horário	Autor	Trabalho
14h00	Daniel Gaivota	“Método e Deslocamento – O que significa pensar uma Educação da diferença?”
14h20	Denise Silva Vilela	<p style="text-align: center;">“O diálogo e sala de aula: problematização a partir da virada linguística”</p> <p>O estudo que se apresenta pretende discutir uma visão de <i>diálogo</i>, considerando-o na sala de aula, como um dos operadores da diferença, que camuflaria relações de poder e obstruções, assim como tende a aplainamentos forçados. Trago argumentos para problematizar uma visão de diálogo no campo educacional assim como para aprofundar a discussão, por via filosófica. A autora Ellsworth, no âmbito de uma discussão mais ampla centrada na noção <i>modos de endereçamento</i>, trazida por ela do campo do cinema para o educacional, questiona o diálogo “capaz de tudo: desde construir conhecimento, resolver problemas, assegurar a democracia”; um diálogo com um “status de transcendental”, como um condutor supostamente neutro. Ao contrário, argumenta a autora, o diálogo seria um modo de endereçamento historicamente estruturado, condicionado por interesses particulares. Para o aprofundamento filosófico, retomo uma visão de linguagem constitutiva em substituição a ideia da linguagem comunicativa. Parto do movimento conhecido como “virada linguística”, frequentemente associada a Wittgenstein, para quem o significado estaria em práticas, conforme atesta o §43 das <i>Investigações Filosóficas</i>: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem. Uma frase, segundo Wittgenstein, não é somente um conjunto de palavras assim como a linguagem não se restringe a um conjunto de frases. Assim, a noção de linguagem, e de diálogo em particular, fora do âmbito comunicativo, não seria vista como transparente, neutra, determinada, independente da situação, dos componentes sociais e emocionais presentes na prática. Não necessariamente o mesmo significado seria o mesmo para os envolvidos num diálogo e este não se repetiria. Essa reflexão, quando trazida para a prática da sala de aula, pode favorecer uma compreensão de dimensões sociais e coletivas, a densidade e atravessamentos na relação entre o currículo do professor e o estudante.</p>
14h40	Nicolas Bargiela Carlos José Martins	<p style="text-align: center;">“A mutação da sala de aula na passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle”</p> <p>Trata-se de circunscrever a reconfiguração da sala de aula como dispositivo social de governo das condutas na passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle. Busca -se interrogar qual a mutação ocorrida, do ponto de vista das tecnologias políticas, no que tange a transição de uma sala de aula analógica ligada à sociedade disciplinar para uma sala de aula digital mais ligada a uma sociedade de controle. Procurar-se-á descrever, por comparação e contraste, quais formas de modulação das condutas estão em jogo nos diferentes regimes de governamentalidade correspondentes a cada um dos modelos de sociedade. No bojo do processo de constituição e consolidação do mundo moderno nas sociedades disciplinares, tal como descritas por Foucault, o esquadrinhamento e seriação dos corpos, bem como das condutas através da utilização do dispositivo das salas de aula foi largamente empregado e aprimorado. A escola constituía os alunos em um único corpo, denominado <i>corpo discente</i>, enquadrando-os em um mesmo modelo disciplinar, caracterizado pelo confinamento, limitando o contato do aluno a sua localização espacial. Por outro lado, no limiar de passagem para as sociedades de controle, progressivamente os meios de confinamento dão lugar a formas de controle em espaço aberto. A avaliação contínua, o ensino a distância, a modulação da progressão segundo critérios de produtividade e o advento da formação permanente reconfiguram o espaço escolar e a função do ensino o corpo discente é reconfigurado em um conjunto disperso de usuários a distância. É antes uma mutação das técnicas de governo do que uma mera evolução tecnológica instrumental. Visto que, nesta transição das sociedades disciplinares para as sociedades de controle, diversos embates acabam por surgir dentro do ambiente escolar e dessa forma potencializando mutações em todos aqueles presentes na instituição.</p>
15h00	Todos	Discussão – até 30 min.

SESSÃO 8 SALÃO NOBRE	Coordenadora - Paola Sanfelice Zeppini	
Horário	Autor	Trabalho
14h00	Elenilda Alves Brandão	<p align="center">“Você tem fome de quê? Movimentos (e)m círculos de uma Escola de Ensino Médio em Ipiaú, Bahia”</p> <p>Este trabalho baseia-se na escrita de nossa dissertação de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana –BA, que buscou desenvolver uma pesquisa qualitativa em educação, inserida nos movimentos do pensamento da filosofia da diferença, com os conceitos de acontecimento (Deleuze) e de potência de vida (Espinosa). Nossas escolhas tecem encontros com o pensamento de um currículo que racha com as ideias prontas engessadas, buscando, à luz de leituras de Marlucy Parayso e Sandra Corazza, as fomes, saciedades provocantes de possibilidades outras para pensar, estudar e praticar currículos. A produção dos dados envolveu nove estudantes das três séries do Ensino Médio da escola pública de Ipiaú, Colégio Modelo Luiz Eduardo Magalhães, entre os anos de 2015 e 2016, três professoras e um skatista, ex-estudante do CMLEM. A cartografia, que permeou o modo de pensar essa escrita-pesquisa, fez composição com contos de experiências, nossos – vestígios vivos, o estudo de caso, articulando metodologia em movimento: a bricolagem. Os percursos foram entrecortados inicialmente por algumas pistas (des) organizadas, como oficinas-dinâmicas: música, desenho/pintura em telas, produção de fotografias, que foram atravessadas por outras: criação de paródia, confecção de camisetas, conversas virtuais pelo grupo de whatsapp e entrevistas informais. Intentamos aqui empreender, a partir de análise dos materiais produzidos pelos estudantes e colaboradores, em nossas itinerâncias bricoleurs, (im)possibilidades de se apreender os currículos do Ensino Médio, acionando brechas e meios que se (re)configuram como acontecimentos que desencadeiam o fluxo intenso da vida como criação-potência.</p>
14h20	Paola Sanfelice Zeppini	<p align="center">“Apontamentos para um estudo deleuzeano das subjetividades”</p> <p>Pode-se dizer que existem variados pontos de ressonância entre as filosofias de Deleuze e de Bergson e que esses podem ser mapeados em função do campo problemático no qual uma estudiosa desses autores se vê imersa. Em nosso caso, tais pontos são aqueles nos quais os conceitos criados por esses dois filósofos coordenam seus contornos não apenas em função de uma preocupação com a vida, mas pela forma como esta preocupação está imbricada com questões relativas à importância e ao papel dos problemas para qualquer criação, à criação como resposta necessária aos problemas colocados pela própria vida e ao pensamento efetivo como forma de criação. É como se as filosofias de Deleuze e de Bergson nos convidassem a caminhar num sentido da vida em que podemos recriar a nós mesmos a partir da construção de formas de pensar que se liberem das amarras de um pensamento pré-fabricado. Em meio a problemas educacionais, o que se enuncia são duas afirmações: a da capacidade de potencializar o diferir de si mesmo que nos constitui e do aprender como operador intensivo que conecta movimentos de organização e de explosão criativa. Partimos, então, da aliança conceitual estabelecida entre Deleuze e Bergson para verificar de quais modos o <i>método da intuição</i> trabalha com a importância dos problemas e da forma como são colocados para, em seguida, atentar para a necessidade de que cada partícipe de uma processualidade educacional possa por em pauta os questionamentos vitais que o atravessam. As diferenças entre saber e aprender levam à problematização da noção de sujeito e à afirmação da vida como movimento de criação e de diferenciação constante, de modo que parece instigante pensar uma noção de subjetividade em conexão com uma educação que libera movimentos de diferenciação de si e de invenção de novas maneiras de viver.</p>
14h40	Susana Dias Sebastian Wiedemann	<p align="center">“Fractosferas: dobras entre nuvens, árvores e pedras”</p> <p>Partimos de uma hipótese: o Antropoceno nos impõe a necessidade de re-avivar nossa percepção e com isso apreender o fato que o mundo está todo vivo e que não há uma pele que nos distancie dele (Thacker). O mundo como uma dobra infinita que complica a matéria do cosmos, e que pode passar, por exemplo, entre nuvens, árvores e pedras, criando esferas de coexistência e entre-viver. Fractosferas que abrem novas organizações entre escalas e possibilidades de coabitar o mundo. Um mundo onde o animismo deve ser reativado (Stengers) e o conhecimento deve ocorrer desde dentro (Ingold), como co-criação inter-espécie que acontece com, entre e através das coisas e seres e não sobre ou a partir de. Acreditamos que um pensamento material e manual com, entre e através das nuvens, árvores e pedras onde o humano se desdobra através do sensível e expressivo sobre o papel, o fotográfico e o audiovisual, podem ser o modo de não só re-avivar a comunicação com o mundo, mas também de desarquivar o vivente que</p>

		a matéria guarda para que possa continuar de maneira impensada em novos modos de existência (Souriau). Fractosferas uma série de experimentações coletivas como modos de fabulação especulativa entre artes, ciências e filosofias que apelam à criação de um possível conhecimento terrano (Latour). Conhecimento que pode emergir do que temos chamado por pedagogia de reminiscências cósmicas e que por sua vez se articula com a anti-metodologia e protocolo de experimentação que temos acolhido sob o nome de mesas de trabalho espiritual. Workshops, oficinas, onde uma cosmopolítica do sensível e um estar junto se inventam ao fazer corpo com um pensamento que já não é mais prático ou teórico e sim matéria vibrante (Bennett) de vida por vir e que pode emergir na forma de livros-objetos (com as nuvens), foto-livros (com as árvores) e animações (com as pedras).
15h00	Todos	Discussão – até 30 min.

06.set.2017 – quarta-feira

SESSÃO 9 SALA CONGREG.	Coordenador - Lígia Márcia Prando	
Horário	Autor	Trabalho
14h00	Jaime Bielia	<p>“Errar: verbo plural. Uma crítica à concepção individualizante do erro”</p> <p>O presente trabalho aborda a temática do erro e, mais especificamente, o erro em sua dimensão epistemológica, tendo por referência as contribuições de Donald Davidson e Edgar Morin. O ponto de partida é a Metáfora da Triangulação, apresentada em 1982 por Davidson. Triangulação, basicamente, é a interação entre dois falantes comunicando-se acerca de objetos e/ou eventos num mundo compartilhado por ambos. É no processo de triangulação que podemos identificar o erro como condição necessária, embora não suficiente, para a emergência da racionalidade, socialmente construída. Inicialmente serão apresentados os resultados dos meus estudos acerca da triangulação, que permitiram a identificação, por um lado, de três tipos de triangulação: a primitiva e a complexa. A contribuição de Morin para a compreensão do erro e sua ocorrência nos diferentes níveis existenciais compõe a segunda parte do trabalho a ser apresentado. A abordagem complexa do erro apoia-se em uma crítica ao modelo vigente de conhecimento, apontando a necessidade de se desenvolver um “conhecimento do conhecimento” e, numa concepção de sujeito bio-lógico, isto é, a estrutura triangular que relaciona de forma não redutível três elementos: um conceito biológico (cérebro), um conceito psíquico (espírito) e um conceito organizacional (aparelho neurocerebral). Morin identifica dois níveis de erro. O primeiro se dá no âmbito do vivo e o segundo é atributo exclusivo do sujeito humano. A diferença entre os dois é a existência de uma relação – no segundo nível – entre erro e verdade, ou, “errância”. Tendo por base essa dupla sustentação teórica, serão três situações de aprendizagem com ocorrência de erro – pelo menos na perspectiva do professor – e que tornou possível chegar-se ao argumento principal do presente trabalho, que afirma a necessidade de substituir uma concepção individualizante do erro e concluir que o erro, tal como a racionalidade, é socialmente construído.</p>
14h20	Lígia Márcia Prando	<p>“Desencaixe de poemas: pensamentos rizomáticos e devir-outro(s) e Educação”</p> <p>Desencaixe os poemas Brinque com eles e com Deleuze Vire o texto pelo avesso Descontextualize o todo Revire a ordem e os sentidos dos poemas escritos Poeme-se Verseje Despalavre Rizomatize</p>

		Cultive mil platôs: Deixe o devir-poesia morder e lamber a educação...
14h40	Nívia Ferreira da Silva Menezes	<p align="center">“Da contribuição francesa: Célestin Freinet e a Educação Moderna”</p> <p>Este artigo se configura como resultado de uma pesquisa acadêmica pela Faculdade de Ciências Integradas Pontal-FACIP, da Universidade Federal de Uberlândia-UFU, no Campus Pontal, em Ituiutaba-Mg, tendo por objetivo trazer as contribuições do educador francês Célestin Freinet (1896-1966) para o vislumbre de uma educação moderna, transpondo os indicativos direcionados à educação tradicional, caracterizada de forma anacrônica e ultrapassada, incapaz de atender às demandas da sociedade contemporânea. Assim sendo, problematizaremos quanto às influências do Movimento Freinetiano na educação moderna e em que medida o pensamento pedagógico do nosso autor horizontaliza sua visão de mundo, cunhando novas indagações na busca em desvendar os pressupostos que delimitem as bases para instauração do homem que tencionava formar, para atuação em qual sociedade, por meio de qual educação. No primeiro momento, teceremos alguns comentários sobre o contexto histórico que antecede este autor. Em seguida, apontaremos os pressupostos filosóficos e metodológicos que sustentam sua prática. Finalizando, conheceremos as principais técnicas elaboradas por Freinet em sua origem, considerando suas atribuições e relevância para uma educação moderna. Diante do estudo da obra de Freinet, constatamos que o principal objetivo em compreender as contribuições para o desenvolvimento da educação está intimamente ligado a sensibilidade e percepção, não de forma ingênua, mas, politicamente traçada para que se alcance a formação do ser completo, emancipado, autônomo, cooperativo, atuante em uma sociedade plural, exigente e moderna. Concluímos esse trabalho com olhar voltado para as realizações em prol da educação efetivadas por esse educador francês que se encontrava muito além de seu tempo. Célestin Freinet realizou proeminente trabalho, difícil de mensurar apenas por um estudo como este. Desse modo, mantém nossas considerações inconclusas, por entender que a intenção não será esgotar o assunto, e sim abrir novas discussões direcionadas a outras vertentes abstraídas do modo como este educador enxerga a educação.</p>
15h00	Todos	Discussão – até 30 min.

SESSÃO 10 DEFESA 2	Coordenador – Marcos Ribeiro de Santana	
Horário	Autor	Trabalho
14h00	Gustavo de Almeida Barros	<p align="center">“Pode um Professor gostar de Spinoza?”</p> <p>O texto é composto por narrativas, fragmentos de percurso, filosofia, professor e alunos. O que compõe também uma combinação perfeita para encontros, acontecimentos, agenciamentos, questionamentos e então pensamento... Mas como as coisas decorrem a partir da presença de Baruch de Spinoza e sua filosofia no meio dos velamentos e das interdições presentes no espaço escola? Das subjetivações e assujeitamentos dos corpos que a compõe? Esses são alguns dos pensamentos de um professor de filosofia que divide, para compor, suas experiências frente à realidade que encontra em uma cidade do interior de São Paulo. Tais desafios são encontrados ao defrontar tal realidade com uma educação imanente, uma educação da alegria, falando em Spinoza. O desafio de encarar uma postura reativa dos alunos, coordenação, direção, pais frente a determinados assuntos, temas, pensamento que atravessam o fazer escola. Relatos que não seguem a rigidez acadêmica que aqui fazem presentes no texto buscaram na filosofia de Spinoza e também utilizará da Filosofia da Diferença proposta pelo filósofo e psicanalista também franceses Gilles Deleuze e Felix Guattari para compor o campo teórico e também possibilitar um pensar sobre as vivências e práticas que o atravessam. E assim, poder problematiza-las não apenas frente às práticas da educação, mas também frente a singularidade e minoria que compõe tal realidade. <i>Pode um professor gostar de Spinoza.</i></p>

<p>14h20</p>	<p>Marcos Ribeiro de Santana</p>	<p>“Labirintos da Educação: A experiência do pensamento – a criação de singularidades e diferenças”</p> <p>Abordar o tema experiência do pensamento, a trama que está em jogo é o caminho da aprendizagem. A proposta é apresentar o problema como criador de pensamentos; fato que exige considerá-lo em duas dimensões: 1) Resolubilidade e reprodução, em que a educação está fundamentada na transcendência platônica ou no racionalismo moderno, gerando o conformismo da representação da identidade. 2) Invenção e produção, a educação conectada à filosofia da diferença, na criação de singularidades. Para desenvolver essa trama, o artigo fará uso das concepções de labirinto (grego, maneirista, rizoma) e suas saídas, como alusão ao problema; explorando-o na educação como criação de singularidades e diferenças. No labirinto o destaque recai sobre os personagens Dédalo, Teseu e Ariadne, pensando cada um num labirinto específico. Dédalo, no labirinto grego, um só caminho – o dá entrada ao centro – encontra a saída na verticalidade, o voo, adotando a transcendência como caminho, tal como Platão. Assim, a educação é a priori e idealista, não havendo brechas para o problema criar algo diferente, ficando à sombra, submisso às representações. Teseu, no labirinto maneirista (árvore), com muitos caminhos falsos e um verdadeiro, encontra na racionalidade uma saída horizontal através do fio condutor; semelhante ao racionalismo moderno, que elabora um método, para que o sujeito encontre a verdade. A educação neste aspecto é conduzida por regras metodológicas e avaliativas, um modelo que estratifica o pensamento. O problema, nesse ordenamento, se constituiria como reflexão de algo dado. Ariadne, no labirinto rizoma, composto por caminhos que se interligam, num percurso criativo para uma saída transversal de múltiplas conexões e encontros. Fazendo com que a educação trilhe o caminho de Deleuze, da experimentação, do problema que potencializa pensamentos, da imprevisibilidade do aprender. Pois o importante é o processo, a passagem que possibilita acontecimentos. A saída encontrada será sempre singular e nunca reproduzida.</p>
<p>14h40</p>	<p>Marcos Silva</p>	<p>“Afroperspectivismo da Educação: Cultura Afro-brasileira e Afro-ameríndia como proposta de ‘Saber’”</p> <p>Sempre que falamos em educação nos reportamos ao pensamento europeu como o centro das grandes reflexões o que, em muita medida, está correto. Porém, muito além do pensar a educação em um único centro, é importante abrir possibilidades a partir dele, pois há novos diálogos e encruzilhadas epistêmicas. Neste caso, a proposta que aqui apresentamos é a de pensar novos conceitos sobre educação e cultura em outras formas de pensar o ensino. Nosso pressuposto de pesquisa em filosofia da educação e em ensino do saber africano e afro brasileira tem por base uma afrocentricidade analítica da Filosofia Africana, no intuito de se propor uma leitura que coloque segundo Molefi Kete Asante (1980), o Paradigma Afrocêntrico e sua problematização em busca incessante por significados de uma educação “nacional”. Visa ainda, no decorrer do tema central, estudar a relevância de pensadores e pensamentos africanos na diáspora africana da História da Filosofia como um modo de pesar, uma outra episteme. Ao assumir uma linha de pesquisa que se mantenha nessa ótica, pretende-se refletir sobre a possibilidade de formação de um quadro referencial e conceitual que seja amplo o bastante para permitir compreender as significações mais amplas das estruturas simbólicas social e epistêmicas criadas e reiteradas a respeito do Saber Africano e ameríndios que nas mais diversas diásporas, têm oferecido ao pensamento contemporâneo uma produção efusiva, em muitos casos libertadora dos racismos e dos preconceitos epistêmicos. Uma vez compreendida a educação como libertação, caminhamos para uma relação saudável com a educação (universalista) e a maneira como se estruturou enquanto ensino e saberes.</p>
<p>15h00</p>	<p>Todos</p>	<p>Discussão – até 30 min.</p>

SESSÃO 11 SALA REUNIÕES BL B	Coordenador - David da Silva Pereira	
Horário	Autor	Trabalho
14h00	Cristiano Barbosa Juliana Soares Bom-Tempo	<p style="text-align: center;">“Filme-Mapa: uma Pedagogia da Montagem”</p> <p>Diante do atual cenário escolar, o cinema é, predominantemente, pensado enquanto representação da realidade, uma ilustração. A exemplo dos filmes indexados como documentários, o próprio nome derivado da palavra <i>documento</i> nos remete à ideia de prova, de constatação, de como as coisas são de fato. Nesse viés, tal pensamento vem sendo demasiadamente fortalecido pelas produções documentais de caráter socioeducativo e/ou jornalístico, que se pautam em procedimentos de investigação e análise de pessoas, fatos e acontecimentos, buscando afirmar ou comprovar uma verdade ou visão previamente definida, no movimento de legitimar um discurso sobre o mundo. Em contraponto à perspectiva apresentada, que se alinha a ideia de representação de uma realidade pré-existente aos encontros na criação fílmica, há também outras vertentes que atuam a favor de uma realidade criada no ato de filmar. Essa segunda perspectiva considera o cinema como prática de alteridade, como uma ferramenta que pode provocar mudanças nas formas de perceber e inventar o mundo, ao apostar na criação de imagens com professores e alunos em contextos escolares. Diante das aprendizagens disparadas nas exibições e no fazer cinema na escola, nos voltamos a questão: Há nos diferentes modos de criação fílmica uma pedagogia? Se há, quais pedagogias estão implicadas nas montagens? Nessa perspectiva, pensar e experimentar (des)articulações de blocos de espaço-tempo afirmando uma pedagogia da montagem pode operar um modo de interferir na dinâmica política-pedagógica da instituição, criando a possibilidade de fazer com que os educadores, ao se envolverem com o cinema, seja numa exibição ou através da produção fílmica, se apropriem dos componentes do cinema para repensar e recriar outros percursos de aprendizagens com as imagens.</p>
14h20	David da Silva Pereira	<p style="text-align: center;">“Educação Escolar e Formação Docente para as Diferenças e as Diversidades”</p> <p>A Educação Escolar brasileira é organizada em um regime de colaboração entre os entes da federação (BRASIL, 1996). A formação inicial docente é realizada principalmente por Instituições de Educação Superior (IES) em Cursos de Licenciatura, Formação Pedagógica para Não-Licenciados e Segunda Licenciatura (BRASIL, 2015). Contudo, faz-se necessária uma formação docente tomada como um itinerário formativo construído pelo próprio sujeito e especialmente na forma de um processo que reconheça as diferenças e as diversidades na escola e na sociedade. Nesse processo de construção de uma escola plural e acolhedora, um pensador como Michel Foucault contribui com pistas fundamentais para uma vida e uma prática docente não fascistas, direcionadas à constituição da vida como uma obra de arte a partir de um conjunto de ações e práticas desse formador sobre si. É sobretudo o Último Foucault que propõe reflexões que tomam o cuidado de si como atividade que possibilita o cuidado como o outro. Portanto, tal desafio implica empregar as ferramentas metodológicas foucaultianas e, ao mesmo tempo, escapar da armadilha de sujeitar ou assujeitar completamente esses formadores e, ao mesmo tempo, não anular a necessária relação com o outro. Pensar com Foucault tal itinerário formativo implica em encontrar “um entre” o assujeitamento e a sujeição no processo de subjetivação.</p>
14h40	Juliana Soares Bom-Tempo	<p style="text-align: center;">“Por uma Dramaturgia do Acontecimento”</p> <p>O que caracteriza uma produção artística que se processa pelos agenciamentos entre corpos, objetos, espaços e procedimentos? Quais relações estão em jogo nesse tipo de articulação processual? Como construir uma dramaturgia dos corpos em múltiplas relações, destituindo-os dos seus estados de coisas para configurar algo que se pode chamar de “obra”? Como se daria uma dramaturgia do acontecimento? Junto a essas questões, tem-se enquanto mote ensaiar com uma criação artística, o que seria uma dramaturgia do acontecimento nos terrenos da Arte da Performance. Para tanto, articular-se-á a filosofia de Deleuze e Guattari, especificamente às ideias de impessoalidade na criação artística e de imagem, para pensar uma dramaturgia do corpo enquanto acontecimento na construção de Imagens em Performance. Há neste movimento a configuração de zonas de individuação em semióticas e imagens que desarranjam e rearranjam os meios; singularizam, diferenciam e, também, interconectam signos; desdobram-se em outras imagens e criam maquinações que ganham uma consistência impessoal. Regimes de relações e de signos na criação de blocos de perceptos e afectos que não dependem mais exclusivamente das intencionalidades e das codificações dos espectadores, dos performers, dos criadores e que têm como efeito uma comunicação totalizante junto à toda fragmentaridade</p>

		maquinária que incorre num agenciamento, fazendo talvez a “obra” parar em pé ao gestar e engendrar Imagens em Performance. Enquanto plano prático e experimental de operação das articulações conceituais, valer-se-á dos procedimentos, da construção espacial e das imagens da performance <i>Carne</i> (2013), com composição e performance de Juliana Bom-Tempo e Alline Santana; produção executiva de Caio Lion/Gusmão Ferrer, Juliana Bom-Tempo e Alline Santana; imagens de Cristiano Barbosa; realizada no III Colóquio Internacional “A educação pelas imagens e suas geografias” - Vitória/ES.
15h00	Todos	Discussão – até 30 min.

SESSÃO 12 SALA LAE	Coordenadora - Andréia Bonho Borba	
Horário	Autor	Trabalho
14h00	Andréia Bonho Borba Leandro Calbente Câmara	<p style="text-align: center;">“Nietzsche e a Educação: o ensino de Filosofia e a potencialização do educando”</p> <p>O presente artigo tem o intuito de estabelecer uma aproximação entre o pensamento de Nietzsche e a educação, abordando, especificamente, o ensino de filosofia, a fim de configurar o pensamento de Nietzsche no campo educacional de maneira a evidenciar pontos de interlocução com algumas questões educacionais contemporâneas. Além disso, serão abordados, também, alguns conceitos fundamentais para a compreensão de como se configura a Vontade de Potência no pensamento nietzscheano, a fim de se problematizar a possibilidade de um ensino de filosofia que possa ser tomado como um possível caminho de potencialização do educando. O procedimento adotado é especificamente uma pesquisa bibliográfica, mediante uma análise interpretativa, que tem como fio condutor o referencial teórico de Nietzsche e sua crítica aos ideais educacionais modernos, bem como seu conceito de Vontade de Potência como força pulsional – inerente ao homem – de afirmação da multiplicidade da vida por meio do devir criativo. Para construir esse percurso argumentativo, primeiramente é abordado o pensamento de Nietzsche no contexto da educação, posteriormente são abordados conceitos-chave para a compreensão de como se configura, no pensamento nietzscheano, o conceito de Vontade de Potência e, por fim, aborda-se a possibilidade de se pensar em um ensino de filosofia que enalteça a potencialização do educando. Em termos conclusivos, observa-se que pensar um ensino de filosofia como elemento propulsor da potencialização do educando implica romper com toda e qualquer forma de subjugação e domesticação, de modo que seja possível um enaltecimento da vontade de potência que é inerente a cada ser humano.</p>
14h20	Daniel Santini Rodrigues Márcia Aparecida Amador Mascia	<p style="text-align: center;">“O ensino de Filosofia e a construção de Singularidades: uma análise das práticas e saberes de professores de Filosofia a partir do pensamento de Foucault, Deleuze e Guatarri”</p> <p>O ensino de Filosofia no Brasil tem uma história marcada pela sua presença ou ausência na educação escolar brasileira. Mas com a promulgação da lei nº. 11.684, de 2 de junho de 2008 inicia-se uma nova fase com a inclusão da Filosofia e da Sociologia como disciplinas no currículo do Ensino Médio. Frente a essa nova realidade, esta pesquisa quer exaltar a força transformadora que a Filosofia carrega dentro de si e analisar como a Filosofia atravessa os sujeitos-professores e possibilitam a constituição de suas subjetividades e singularidades. Com isso, o objetivo geral desta pesquisa é pensar os modos de constituição da subjetividade e da singularidade do professor de Filosofia no Ensino Médio, tanto os graduados quanto os não graduados em Filosofia, em escolas do sul de Minas Gerais. A partir do pensamento de Michel Foucault, de Gilles Deleuze e de Félix Guatarri, pretende-se analisar e problematizar o ensino de Filosofia nas escolas e pensar os modos de constituição da subjetividade e singularidade do professor de Filosofia no Ensino Médio, tantos os graduados quanto os não graduados em Filosofia. Assim, espera-se problematizar o seu ensino e ressignificar a sua presença na escola, de tal forma que o ensino de Filosofia não pode ser uma mera transmissão de saberes, mas uma atividade de criação conceitual, um exercício de transformação de si, uma prática de des(re)territorialização, pois aquele que se envolve com a filosofia é como um nômade em busca de um território, em tensão e conflito, mas que o singulariza, mesmo sabendo que este território é um devir...</p>

<p>14h40</p>	<p>Joana Tolentino</p>	<p align="center">“Para docentes-filósofos: lições de Jacques Rancière em <i>O mestre ignorante</i>”</p> <p>Este trabalho constitui-se em reflexões sobre o filosofar nas escolas, a partir do diálogo com a obra <i>O mestre ignorante</i>, de Jacques Rancière, fruto do compartilhamento crítico e da apropriação filosófica de uma experiência exitosa sobre ensinar e aprender. A obra em destaque aborda a prática do mestre Jacotôt e reflete sobre seus fundamentos, valorizando um ensinar que fomenta a emancipação. É esse encontro de saberes com o princípio da autonomia que entendemos ser propício ao ensino de filosofia. O objetivo desse trabalho é evidenciar o quanto práticas de ensino que podemos identificamos como emancipatórias, tal qual a que é apresentada por Rancière em seu livro, envolvendo aspectos estéticos e políticos, se aplicam especialmente ao filosofar. Isto porque se baseiam na autonomia de estudantes em relação ao conhecimento e na valorização da pluralidade, das diferenças, da diversidade no processo de ensino-aprendizagem. Para a realização de tais práticas, é demandado o vínculo estudante-docente, requerendo também o princípio da igualdade das inteligências entre os atores envolvidos. Apostamos nessas práticas como potentes para tensionar o lugar do filosofar nas escolas, criando espaços de resistências criativas, capazes de abrir fendas nas tessituras institucionais, por entre as quais é possível, micropoliticamente, criar outros modos de vivenciar os espaços e as relações de ensino e aprendizagem.</p>
<p>15h00</p>	<p>Todos</p>	<p align="center">Discussão – até 30 min.</p>